

O USO DO PARTICÍPIO NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

THE USE OF PARTICIPLE IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Inaciane Teixeira da Silva*
Luiz Carlos da Silva Schwindt**

Resumo: Este texto tem como objetivo principal discutir qual a forma mais produtiva/recorrente do particípio em português brasileiro, a fim de entendermos a distribuição dos particípios regulares e irregulares em tempo composto (*tinha pago/pagado*) e voz passiva (*foi pago/pagado*), bem como a criação de particípios irregulares para verbos que, segundo a tradição, têm apenas particípio regular (*tinha chego* em vez de *tinha chegado*). Realizamos uma análise quantitativa através do pacote de programas estatísticos VARBRUL. Os resultados, contudo, são apresentados apenas em termos de porcentagens, uma vez que o fenômeno aqui analisado não configura necessariamente uma regra variável. Valemos de dois *corpora*: dados do projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL) e dados de testes de produtividade com palavras dicionarizadas e pseudopalavras. Os resultados apontaram uma preferência geral pelas formas regulares nos dados de fala espontânea. Observou-se, porém, nos testes aplicados, um uso peculiar das formas irregulares, possivelmente justificado pelo prestígio dessas formas.

Palavras-chave: Particípio; Variação linguística; Produtividade; Alternância verbal.

Abstract: The main goal of this paper is to discuss what are the most usual/productive forms of participle in Brazilian Portuguese, to understand the distribution of regular and irregular forms in compound tenses (*tinha pago/pagado* - 'had paid') and passive constructions (*foi pago/pagado* - '(it) was paid'), and the unexpected choice of irregular participles in contexts where, according to grammatical tradition, one would expect the use of regular forms (*tinha chego* instead of *tinha chegado* - 'had arrived'). We performed a quantitative analysis using the VARBRUL software. The results, however, are shown only in terms of frequencies, since the phenomenon is not necessarily characterized as a variable rule. Data from two *corpora* have been analyzed quantitatively: VARISUL Database (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) and tests of productivity containing dictionarized words and pseudowords. The results showed a general preference for regular forms in spontaneous speech data. We observed, however, a peculiar use of irregular participle in data from tests of productivity, possibly justified by the prestige of those forms.

Keywords: Participle; Language variation; Productivity; Verbal alternance.

* Professora da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha e das Faculdades Integradas de Taquara.

** Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Introdução

O uso do particípio em português brasileiro (PB) está sujeito à variação. Encontramos, na língua em uso, formações com particípio regular e irregular tanto com voz passiva quanto em tempos compostos; além disso, formações como ‘ele já *tinha chego*’ são comuns na língua falada e em textos escritos atualmente.

Este texto tem como objetivo principal discutir qual a forma mais produtiva/recorrente do particípio em formações verbais participiais, a fim de entendermos dois fenômenos registrados na língua falada e escrita atual: (a) a inversão¹ da distribuição das formas regulares e irregulares de particípio em formações de tempo composto e voz passiva e (b) a criação de particípios irregulares para verbos que, de acordo com a norma², apresentam somente particípio regular.

Para tanto, analisamos dados de duas naturezas: a) dados retirados do Banco de Dados do Projeto VARSUL, obtidos através de entrevistas com contextos variados de fala vernácula espontânea; b) dados retirados de testes de produtividade, com verbos nomeados ‘verbos do léxico’ e ‘verbos hipotéticos’, elaborados de forma a possibilitar respostas com realização de particípio a fim de se levantar usos específicos do particípio irregular, como a criação de formas novas, por exemplo.

Para a análise dos dados, fizemos um uso adaptado dos programas que compõem o Pacote VARBRUL. Considerando que nossa pesquisa não trata de um fenômeno necessariamente variável, mas, sobretudo, investiga a regularidade de um fenômeno tipicamente alternante, optamos por aproveitar somente as informações referentes à frequência (porcentagem) de aplicação do uso do particípio irregular, uma vez que dados referentes a peso relativo são próprios para análise de fenômenos variáveis.

1 Pressupostos

No português falado no sul do Brasil, vem se observando uma tendência ao uso do particípio irregular nos tempos compostos e, algumas vezes, do particípio regular na

¹ O termo ‘inversão’ é empregado aqui porque se toma como ponto de partida o pareamento particípio regular/tempo composto, particípio irregular/voz passiva. Esse pareamento é o sugerido pela norma gramatical e é também o que se identifica como preferência generalizada quando se considera a intuição dos falantes acerca do emprego de formas participiais em PB.

² Por norma se entende aqui o uso da língua orientado pela gramática normativa tradicional.

voz passiva, contrariando a expectativa mais geral acerca de seu emprego, que prevê distribuição exatamente inversa.

Embora esta pesquisa não pretenda fazer uma análise diacrônica, recuperamos um pouco da história dos participípios no português até chegarmos a estudos sobre seu emprego sincrônico.

1.1 O participípio

O participípio é uma das formas nominais do verbo, com características de nome e de verbo, que chegaram ao português por herança do latim.

Em português, o participípio regular dos verbos de primeira conjugação é formado pela junção do sufixo *do* à vogal *a*, formando *ado* após o radical do infinitivo (*amado*, *parado*), e o participípio regular dos verbos de segunda e terceira conjugações é formado pela junção do mesmo sufixo à vogal *i*, formando *ido* após o radical do infinitivo (*vendido*, *sentido*).

Segundo Souza (2003), o latim deixou alguns legados ao português no que se refere ao participípio, dentre eles: (a) a voz passiva dos verbos de ação acabada através da junção do auxiliar *esse* (conjugado ou não) com o participípio passado, mantida no português tanto para a voz passiva quanto para o tempo composto, resultando em formas como *é amado(a)/são amados(as)*, *tenha sido amado(a)/tenham sido amados(as)*; (b) formações como *situação preocupante* (provenientes do participípio presente latino, com valor adjetivo em português), *dias vindouros* (provenientes do participípio futuro ativo, com função de adjunto adnominal), *gerente*, *ouvinte* e *legado* (participípios substantivados), dentre outras formações.

Para a autora, a formação da voz passiva com dois participípios, no português, se deu através de uma conversão de perífrases ativas provenientes do latim vulgar, que transformaria formas como *todos têm elogiado Pedro* em *Pedro tem sido elogiado por todos*.

Lobato (1999) diz que “à primeira vista poderia parecer que as formas irregulares são reduções das regulares”, mas afirma manter-se inexplicada a existência de duas formas de participípio para o mesmo verbo, com base nos argumentos de Said Ali (1919/1966), quais sejam: em termos diacrônicos, qualquer uma das duas formas pode

preceder a outra; há casos em que não é possível explicar como a forma irregular poderia ter vindo da forma regular mais extensa, pois, na maioria das vezes, o vocábulo é criado antes do verbo e se incorpora à sua conjugação (*entregue/entregar*); o particípio irregular do verbo *pagar*, a forma *pago*, é exclusivo do português, visto que o latim transmitiu às línguas românicas apenas a forma regular *pacatum*.

Assim como Lobato, acreditamos que há um processo mais abstrato que leva à produção dos particípios duplos, e, principalmente, à criação de novos particípios, pois parece não se tratar de uma questão derivacional. O radical de um verbo poderia gerar dois particípios, um regular e outro irregular, mas uma forma de particípio não poderia gerar a outra. Tampouco diríamos que num verbo como *chegar* (com particípio exclusivamente regular) a forma *chego*, usada atualmente como particípio irregular, seria derivada de *chegado*.

Assumimos que de fato existem informações subjacentes na estrutura morfofonológica dos verbos que são levadas em conta na criação dos particípios em português, pois, por exemplo, se os radicais que se associam à vogal temática *-a* (1ª conjugação) criam obrigatoriamente particípio regular (ou duplo, mas não particípio exclusivamente irregular), e os que se associam às vogais temáticas *-e* e *-i* formam particípios irregulares, e, se não há restrição em português para *e* antes de *d* (*dedo*, *medo*, *cedo*, *arvoredo*, *vinhedo*, *passaredo* etc.), mas, apesar disso, *eleger* forma *elegido* e não *elegedo*, então deve haver alguma informação no radical que desencadeie a realização morfológica do particípio como arrizotônico (regular) e/ou rizotônico (irregular)³.

1.2 Produtividade

A criação de novos verbos e particípios irregulares é mais observada em português na sua modalidade falada, onde é comum verificarmos a realização de novas formas verbais com base em modelos existentes na língua. Exemplos deste fenômeno são a criação dos verbos *deletar* e *logar* e dos particípios irregulares *chego*, *fico* e *salgo*

³ Sobre o contexto fonético x forma do particípio, Lobato (1999) diz que parece necessária a produção de certos sons para a formação dos particípios, uma vez que há lacunas como *começado/*começo*, *estado/*esto*, *falado/*falo*, *vendido/*vendo/*vento*. Contudo, não nos detemos nesse detalhamento na pesquisa.

para os verbos *chegar*, *ficar* e *salgar*, verbos de particípio exclusivamente regular, de acordo com a norma gramatical.

Acreditamos que estes fenômenos não acontecem por acaso e que a criação destas formas, além de ser um processo regular e sistemático, obedece aos padrões de produtividade do português.

Muitos linguistas argumentam que a produtividade deve ser assunto para a derivação mais do que para a flexão, visto que os processos flexionais são bem mais previsíveis do que os derivacionais, e, portanto, naturalmente produtivos. Essa previsibilidade flexional explicaria o fato de verbos novos (*deletar/deletado*; *logar/logado*) seguirem o padrão de produtividade do português; não explicaria, porém, a criação de novos particípios irregulares.

Embora as formas regulares sejam comprovadamente mais produtivas do que as irregulares, temos a impressão de que tanto a criação de verbos novos com padrão regular quanto a criação de novos particípios irregulares estão diretamente relacionadas a padrões de produtividade e têm como objetivo implícito dar conta de novas situações e conceitos relacionados à busca da identidade linguística, e que estas novas formas irregulares provavelmente tenham sido criadas por analogia a formas já existentes no léxico.

As regras de formação que incidem sobre *chego*, *fico* e *salgo* são absolutamente plausíveis dentro do sistema linguístico do português e não provocam qualquer tipo de violação, nem mesmo no nível semântico, uma vez que estas novas formas irregulares incorporaram o significado das formas regulares, demonstrando o conhecimento linguístico do falante e sua capacidade de formar palavras novas na língua.

Aronoff diz que a intuição do falante nativo “parece expressar a noção de ‘probabilidade de ser uma palavra do vocabulário ativo do falante’, uma noção equivalente à produtividade” (ARONOFF, 1976, p. 36).

Há, também, a hipótese de simplificação de formas duplas, tratada por Margarida Correia (1995), que, embora se aplique mais às formas sinônimas, pode ser adaptada ao caso dos particípios duplos do português, supondo que, algumas vezes, a preferência pela forma irregular pode indicar uma tendência geral da língua para eliminar as formas duplas.

Para Câmara Júnior (1972), a formação de particípio irregular na língua portuguesa pode se dar pela persistência de particípios do latim clássico e do vulgar no português (*dito, escrito, vindo* etc.), ou pode ocorrer naturalmente, dentro da própria língua, através de um processo que é dinâmico e obedece a um padrão bastante regular de formação.

2 A pesquisa

Se quisermos fazer uso de uma terminologia mais estrita, podemos dizer que o uso do particípio se mostra, na maioria das vezes, ‘alternante’, ainda que algumas vezes se manifeste como ‘opcional’. Por ‘alternância’, entendemos, aqui, a ocorrência das formas de particípio em distribuição complementar, isto é, na situação em que os falantes empregam o particípio regular em tempo composto e particípio irregular em voz passiva (*tinha elegido e foi eleito*), ou o contrário, particípio irregular em tempo composto e particípio regular em voz passiva (*tinha eleito e foi elegido*). Já o uso de duas formas num mesmo contexto (*tinha elegido/tinha eleito* ou *foi elegido/foi eleito*) caracteriza o que estamos classificando como ‘opcionalidade’⁴.

Nosso estudo se baseia em algumas hipóteses, e para verificarmos a confirmação dessas hipóteses, controlamos a influência de certos fatores, a saber:

Fatores Linguísticos

- 1) *Verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular.*
- 2) *A classificação do verbo (regular; irregular; abundante) interfere na opção pela forma do particípio.*
- 3) *Os particípios regular e irregular são empregados, respectivamente, nas formações de tempo composto (com ter/haver) e voz passiva (com ser/estar).*

⁴ De forma mais ampla, podemos dizer que ambos os usos se enquadram na esfera maior do que se entende por variação linguística, no sentido de que mesmo as formas que chamamos de alternantes não têm necessariamente emprego categórico (para todos os falantes) em uma comunidade. Também é importante esclarecer que fazemos um uso bastante particular do termo ‘opcionalidade’ aqui – tão-somente com o propósito de estabelecer a distinção pretendida. Assumida essa distinção, podemos dizer que nosso foco principal, nesse texto, é o exame das condições para o uso dessas formas que nomeamos ‘alternantes’.

- 4) *A quantidade de sílabas do verbo (monossílabo; dissílabo; trissílabo; polissílabo) influi na realização do particípio irregular.*

Fatores Extralinguísticos

- 5) *Falantes com um nível mais alto de escolaridade (Ensino Superior completo ou em andamento) fazem maior uso do particípio irregular.*
- 6) *Falantes com um nível mais baixo de escolaridade (até 4ª série do Ensino Fundamental; da 8ª série ao 3º ano do Ensino Médio) usam mais o particípio regular.*

2.1 Constituição das Amostras

A amostra retirada do Banco de Dados do Projeto VARSUL é composta por 24 informantes, sendo oito oriundos de Porto Alegre, oito de Florianópolis e oito de Curitiba.

Na amostra dos Testes, a população foi formada por 22 informantes com ensino superior completo e estudantes de Instituições de Ensino Superior da região metropolitana de Porto Alegre.

A busca nos dados do VARSUL teve como principal objetivo investigar o emprego do particípio em contexto efetivo de uso – no vernáculo, nos termos de Labov.

Os Testes, por outro lado, foram elaborados de forma a possibilitar respostas com realização de particípio em formações de tempo composto e voz passiva, tendo como objetivo principal levantar usos específicos do particípio irregular, como a criação de formas novas, por exemplo, mais comuns na fala de pessoas com um nível de escolaridade mais alto.

Além de questões com verbos do português (na análise, chamados ‘verbos do léxico’), os Testes apresentaram questões contendo verbos hipotéticos, como *sajar* (*sajado/sajo*) e *catender* (*catendido/catenso*).

Esses verbos hipotéticos foram formulados de modo a apresentar um padrão fonético próximo ao de verbos comuns no português brasileiro. Como verbos de 1ª conjugação propusemos *bongar*, *sajar*, *detigar* e *petolar*, inspirados em pingar, lavar, mastigar e rebolar; para a 2ª conjugação propusemos *minzer*, *gorber*, *catender* e *divacer*, inspirados em benzer, conter, aprender e desfazer; e como verbos de 3ª conjugação

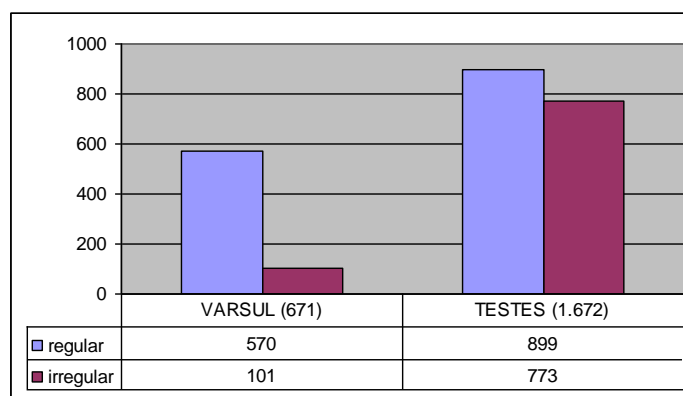
propusemos *tovir*, *zinbir*, *casorir* e *podensir*, inspirados em ouvir, tingir, colorir e consentir.

Para a aplicação da entrevista, os informantes ouviam frases que continham duas alternativas de particípio, uma regular e uma irregular, e, após a audição, optavam por uma das formas. Os dados coletados nas entrevistas foram anotados e registrados pelo entrevistador.

3 Discussão dos Resultados

A discussão dos resultados referentes ao uso do particípio irregular será dividida em fatores linguísticos e extralinguísticos tanto para os dados do VARSUL quanto para os dos Testes.

Gráfico 1 – Distribuição dos particípios nos dados do VARSUL e dos Testes de Produtividade



O Gráfico 1 mostra que os informantes do VARSUL utilizaram mais o particípio regular, enquanto que nos Testes, os informantes utilizaram o regular e o irregular quase que na mesma proporção.

3.1 Resultados dos Dados do VARSUL

A amostra dos dados do Projeto VARSUL apresentou 671 ocorrências de particípio, das quais 101 (15%) foram de particípio irregular. A seguir, são apresentados os resultados, com comentários após cada tabela.

3.1.1 Fatores Linguísticos

Tabela 1 – Distribuição da *conjugação do verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
1ª Conjugação – <i>ar</i> <i>Dar</i>	16/430 = 3%
2ª Conjugação – <i>er</i> <i>Dizer</i>	78/152 = 51%
3ª Conjugação – <i>ir</i> <i>Abrir</i>	7/89 = 7%
TOTAL	101/671 = 15%

A baixa aplicação do particípio irregular com verbos de 1ª conjugação era esperada, uma vez que a maioria dos verbos regulares do português é de 1ª conjugação.

Para os verbos de 2ª e 3ª conjugações era esperado um percentual mais elevado, pois há mais verbos abundantes e de particípio irregular nessas conjugações.

Uma possível explicação para a grande diferença na aplicação entre os verbos de 2ª e 3ª conjugações seria o fato de a aplicação do irregular na 3ª conjugação estar relacionada aos verbos *abrir*, *restringir* e *vir*. Os outros verbos de 3ª conjugação tinham particípio regular.

A partir dos dados da Tabela 1, é possível concluir que os *verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular*. Esse resultado parece bastante natural, pois sendo os verbos de 1ª conjugação mais produtivos, e, por isso, mais ‘regulares’ (em certo sentido desse termo), é de se esperar que impulsionem também formações regulares.

Tabela 2 – Distribuição da *classificação do verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Regular <i>Chamar</i>	15/515 = 2%
Irregular <i>Dizer</i>	62/129 = 48%
Abundante <i>Eleger</i>	24/27 = 88%
TOTAL	101/671 = 15%

O uso do particípio irregular com verbos regulares foi de 2%, o que provavelmente se deve a verbos que são regulares, mas têm particípio irregular, como *escrever* e *abrir*, por exemplo.

No que se refere à hipótese de que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do* particípio, os dados demonstram que está confirmada, pois, com verbos regulares, foi preferido o particípio regular, e com verbos irregulares e abundantes, foi preferido o irregular.

Tabela 3 – Distribuição da *formação de tempo composto e voz passiva* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Ter / Haver <i>tem feito / havia pedido</i>	35/188 = 18%
Ser / Estar <i>foi eleito / está aberta</i>	66/483 = 13%
TOTAL	101/671 = 15%

Mesmo verificando, segundo os dados da Tabela 3, que a norma geral foi seguida (tempo composto formado com o particípio regular e voz passiva com particípio irregular), deve-se mencionar que 18% dos informantes aplicaram particípio irregular no tempo composto (com *ter* e *haver*⁵). Considerando-se que, com exceção de uma ocorrência de *chego*, não foi verificada a criação de novos particípios irregulares nos dados do VARSUL, e que os verbos abundantes tiveram uma baixa aplicação em tempo

⁵ Houve apenas três ocorrências do verbo *haver* nos dados do VARSUL; por isso amalgamamos *haver* e *ter*.

composto, deduzimos que os 18% estão relacionados a verbos de particípio exclusivamente irregular, como *fazer* e *ver*.

Na voz passiva, espera-se maior uso de particípio irregular, uso legitimado pela norma; no entanto, nos dados do VARSUL, houve uma razoável ocorrência de verbos com particípio exclusivamente regular, justificando o baixo índice de aplicação na voz passiva.

Com relação à hipótese de que *os particípios regular e irregular são empregados respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva*, acreditamos estar confirmada nos dados do VARSUL.

Tabela 4 – Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Monossílabo / Dissílabo <i>Dar / Fazer</i>	81/239 = 33%
Trissílabo / Polissílabo <i>Alterar / Esclarecer</i>	20/432 = 4%
TOTAL	101/671 = 15%

Ao que parece, a hipótese de que *a quantidade de sílabas do verbo influi na realização do particípio irregular* foi confirmada devido ao fato de os verbos monossílabos e dissílabos terem tido maior aplicação do particípio irregular (33%). Há que se considerar, contudo, que verbos monossilábicos, como *ver*, com alta ocorrência, contaram para este percentual por terem sido amalgamados com os dissilábicos.

3.1.2 Fatores Extralinguísticos

Tabela 5 - Distribuição da *escolaridade* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Até 4 anos de escolaridade (até 4ª série do Ensino Fundamental)	42/311 = 13%
De 8 a 11 anos de escolaridade (da 8ª série ao 3º ano do Ensino Médio)	59/360 = 16%
TOTAL	101/671 = 15%

Os dados da Tabela 5 mostram a baixa aplicação de participío irregular em ambos os contextos.

Talvez, olhando apenas para os dados da Tabela 5, a pequena diferença de aplicação do participío irregular entre os dois tipos de informantes do VARSUL não nos permitisse confirmar a hipótese de que *falantes com um nível mais baixo de escolaridade usam mais o participío regular*, no entanto, se voltarmos ao gráfico 1, veremos que ele aponta uma baixa aplicação de participío irregular entre os informantes do VARSUL no todo, em comparação com os informantes dos Testes, os quais têm escolaridade maior e usaram bem mais o participío irregular.

3.2 Resultados dos Testes de Produtividade

Os Testes de Produtividade resultaram em 1.672 ocorrências de participío, sendo 773 (46%) delas, de participío irregular.

3.2.1 Fatores Linguísticos

Tabela 6 – Distribuição da *conjugação do verbo* sobre o uso do participío irregular com verbos do léxico e verbos hipotéticos

Fatores	Frequência
1ª Conjugação – <i>ar</i> <i>Chegar / Sajar</i>	295/550 = 54%
2ª Conjugação – <i>er</i> <i>Eleger / Gorber</i>	297/638 = 47%
3ª Conjugação – <i>ir</i> <i>Imprimir / Tovir</i>	181/484 = 37%
TOTAL	773/1672 = 46%

Conforme os dados da Tabela 6, a aplicação do participío irregular com verbos de 1ª conjugação nos Testes (54%) teve um percentual mais alto do que nos dados do VARSUL (3%). Esta aplicação contraria a hipótese, confirmada nos dados do VARSUL, de que *verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com participío regular*.

Esse resultado aparentemente contraditório para o comportamento dos verbos de 1ª conjugação entre as duas fontes de dados utilizadas pode ser explicado, sobretudo, pela natureza do dado envolvido. Enquanto os dados do VARSUL, obtidos pela metodologia da entrevista sociolinguística, estão menos sujeitos a monitoramento por parte do falante, já que são oriundos de fala espontânea, os dados dos Testes, por estarem menos contextualizados, podem sofrer algum tipo de controle. Além disso, os dados dos Testes, como dissemos, são de verbos já existentes na língua, alguns tradicionalmente classificados como 'abundantes no particípio' (como *pagar*), e de pseudoverbos, criados a partir de verbos existentes. Verbos abundantes, em português, tendem a contribuir para a ocorrência da forma irregular, e o emprego de pseudoverbos pode, muitas vezes, motivar o uso do irregular por analogia a formas irregulares já existentes ou a outras que podem ser consideradas 'emergentes' (como *tinha chego*, *tinha fico*, *tinha salgo* etc.). Essas razões, combinadas, podem, talvez, explicar a preferência pelas formas de particípio irregular nos Testes, diferentemente do que se constatou nos dados do VARSUL. O que é inegável, porém, é que esse resultado informa sobre um padrão para o qual os falantes estão atentos na língua, e, numa perspectiva específica deste termo, pode ser também considerado produtivo⁶ na língua.

Os verbos de 2ª e 3ª conjugações podem formar particípios duplos e particípio exclusivamente irregular, portanto, é natural que com estes verbos a ocorrência do irregular seja alta.

Nos Testes, a maior incidência de verbos de 3ª conjugação com particípio irregular (37%), em comparação com os dados do VARSUL (7%), possivelmente foi causada pelo uso dos verbos *cobrir*, *vir*, e *descobrir* e pelos verbos abundantes *imprimir* e *restringir*, que tiveram alta ocorrência. De 22 ocorrências do verbo *imprimir*, em 16 foi

⁶ Essa produtividade tem se evidenciado não apenas na língua falada, mas também na escrita. Em redações de alunos e em textos da Internet é comum nos depararmos com *ter + particípio irregular*. O Prof. Cláudio Moreno, na coluna *Sua língua*, no site 'clibrs', em resposta a dúvidas de leitores sobre esse uso, diz "já me perguntaram se **trazer**, além de **trazido**, tem a forma **trago** (!); se **cegar**, além de **cegado**, tem a forma **cego**; se **pregar**, além de **pregado**, tem a forma **prego**; se **chegar**, além de **chegado**, tem a forma **chego**". Também é discutido esse tipo de formação no artigo *Particípios atemático no PB: um processo paradigmático*, publicado na Revista ReVel, n. 5, de 2011, o qual discute o surgimento de novos particípios atemáticos no português brasileiro. O *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*, nas considerações iniciais, revela uma sondagem realizada com 97 informantes através da Internet para verificar o uso do particípio duplo. O resultado mostra que informantes com nível universitário formaram voz passiva com particípio regular, tempo composto com particípio irregular, e que também foi verificada "a tendência à hipercorreção, num extremo, com a criação de particípios irregulares inexistentes" (RODRIGUES, 2003).

usado o particípio irregular em tempo composto (*tinha impresso*), e de 22 ocorrências do verbo *restringir*, em 9 foi usado o particípio irregular em tempo composto (*tinha restrito*).

Tabela 7 – Distribuição da *classificação do verbo* sobre o uso do particípio irregular em verbos do léxico

Fatores	Frequência
Regular <i>Chegar</i>	95/549 = 17%
Irregular <i>Inscrever</i>	236/285 = 83%
Abundante <i>Pagar</i>	363/574 = 63%
TOTAL	694/1408 = 49%

Nessa análise, examinamos como os verbos do léxico utilizados nos Testes se comportavam em relação à regularidade nas demais formas/regularidade no particípio. Não consideramos os verbos hipotéticos por não ser possível definirmos critérios para determinar se um verbo hipotético seria regular, irregular ou abundante.

Os verbos regulares mostraram-se como os menos propensos a formações com particípio irregular, o que já era esperado no português, sinalizando para a constatação de que formas regulares procuram conservar a regularidade em todo o paradigma.

O percentual de aplicação do particípio irregular com verbos regulares foi de 17% nos Testes (2% no VARSUL), o que se deve, possivelmente, a maior alternância e também à criação de particípios irregulares para verbos como *chegar*, *ficar* e *salgar*. Já com os verbos irregulares *escrever*, *ver*, *fazer*, *pôr*, e *vir*, há, naturalmente, maior aplicação de particípio irregular pela própria natureza destes verbos.

Houve ocorrências de particípio regular com verbos irregulares, pois verbos como *dar*, *reler*, *medir*, *pedir*, e *servir* são irregulares em termos flexionais, mas regulares no particípio.

Com verbos abundantes, assim como com irregulares, o alto índice de aplicação do particípio irregular era esperado. Um resultado interessante foi a ocorrência de substituição da forma irregular pela forma regular em verbos como *cobrir* (*cobrido*),

abrir (abrido) e *prescrever (prescrevido)*, formas não esperadas na fala de estudantes do ensino superior.

De acordo com os dados da Tabela 7, a hipótese de que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do particípio* está confirmada, uma vez que era esperado que, com verbos regulares, a ocorrência de particípio irregular fosse menor do que com verbos irregulares e abundantes.

Tabela 8 – Distribuição da *formação de tempo composto e voz passiva* sobre o uso do particípio irregular com verbos do léxico e verbos hipotéticos

Fatores	Frequência
Ter <i>tinha pago / tinha sajo</i>	341/836 = 40%
Ser <i>foi impresso / foram fivastos</i>	432/836 = 51%
TOTAL	773/1672 = 46%

Salientamos que, para simplificar os Testes, não utilizamos os verbos *haver*⁷ e *estar*.

Entre os dados que alimentam o resultado apresentado na Tabela 8, estão 8 ocorrências de *tinha chego*, 8 de *tinha fico*, 6 de *tinha atento*, 3 de *tinha abarco*, 3 de *foi salgo*, 2 de *tinha sirvo*, 2 de *tinha peço*, dentre outros. Também as formas irregulares dos verbos abundantes (*aceito, eleito, ganho, impresso, pago, pego e salvo*) tiveram aplicação alta em tempo composto. A isso se somam os verbos com particípio exclusivamente irregular utilizados no tempo composto (*cobrir, dizer, escrever, inscrever e pôr*), o que justifica o percentual de 40% de aplicação do particípio irregular com o verbo *ter*.

Embora o resultado dos Testes demonstre a considerável ocorrência de particípio irregular no tempo composto, também foram encontrados casos de substituição do particípio irregular pelo regular (1 *tinha cobrido*, 2 *tinha abrido*, 3 *foi extinguido*, 1 *foi imprimido*, 1 *foi suspendido*, 1 *foi prescrevido*), conforme mencionado anteriormente. Essas ocorrências, de certa forma, surpreendem a expectativa relacionada à fala desses informantes por serem formas em geral encontradas na fala de indivíduos com escolaridade mais baixa.

⁷ Consideramos que o verbo *haver*, geralmente utilizado em situações mais formais, poderia induzir o informante a um uso não habitual.

Nos Testes, fatores como a alta ocorrência de particípio irregular na formação do tempo composto, a criação de particípios irregulares inexistentes e o uso de particípios regulares na formação da voz passiva não permitem confirmar plenamente a hipótese de que *os particípios regular e irregular são empregados respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva*.

Tabela 9 – Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do particípio irregular com verbos do léxico

Fatores	Frequência
Monossílabo <i>Ver</i>	88/88 = 100%
Dissílabo <i>Caber</i>	308/706 = 44%
Trissílabo <i>Atentar</i>	321/614 = 52%
TOTAL	694/1408 = 49%

Nos dados dos verbos do léxico, afora o uso categórico do particípio irregular com os monossílabos, justificado pelo emprego dos verbos *pôr*, *ver* e *vir*, de particípio exclusivamente irregular, observamos que com os trissílabos ocorreu maior aplicação do particípio irregular, confirmando, em princípio, a hipótese de que *o número de sílabas influi na realização do particípio irregular*⁸.

Tabela 10 – Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do particípio irregular com verbos hipotéticos

Fatores	Frequência
Dissílabo <i>Sajar</i>	40/132 = 30%
Trissílabo <i>Catender</i>	39/132 = 30%
TOTAL	79/264 = 30%

⁸ A escolha dos verbos usados nos Testes possivelmente contribuiu para o resultado, pois a maioria dos verbos trissílabos era abundante ou com particípio exclusivamente irregular.

Os dados dos verbos hipotéticos, por sua vez, apontam um percentual de 30% de aplicação do particípio irregular, tanto com dissílabos quanto com trissílabos. Isso demonstra que com verbos desconhecidos ainda é preferido o emprego do particípio regular, seguindo-se o padrão flexional regular do português.

Quanto à hipótese de que *a quantidade de sílabas do verbo influi na realização do particípio irregular*, de acordo com os dados da Tabela 10, acreditamos não estar confirmada com os verbos hipotéticos, pois o número de sílabas não contribuiu para a aplicação em nenhum dos contextos; contudo, com os verbos do léxico, em princípio, houve interferência da quantidade de sílabas na realização do particípio irregular, o que também foi verificado nos dados do VARSUL.

Retomando os resultados das tabelas anteriores, percebemos que o uso do particípio irregular foi maior entre os informantes dos Testes, que possuem nível superior completo ou em andamento, em quase todas as análises, levando-nos a concluir que as hipóteses de que *falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular* e que *falantes com um nível mais baixo de escolaridade usam mais o particípio regular* se confirmaram.

Em relação à aplicação do particípio irregular a verbos que, em princípio, não o comportam, como *chegar*, por exemplo, possivelmente é resultado de analogia para satisfazer uma questão relacionada a prestígio. E ainda que a análise da classificação silábica indique que 70% dos verbos hipotéticos seguiram o padrão de regularidade da língua, não se pode negar que a aplicação do irregular teve um percentual considerável.

4 Emprego de particípios e competência lexical

Para discutir a questão dos verbos hipotéticos e as novas formas de particípio registradas nos resultados da análise, recorreremos à noção de competência lexical, isto é, o conhecimento que o falante nativo tem de sua língua, incluindo, além da lista de entradas lexicais, as regras de formação de novas palavras desta língua.

Segundo Basilio (1980), a competência lexical do falante permite a ele conhecer as regras que deveriam bloquear a formação de palavras redundantes (palavras novas com a mesma função de palavras que já existem na língua), o que justificaria os 70% de uso do particípio regular nos verbos hipotéticos, pois, relacionando verbos novos a

verbos do léxico do português e analisando sua estrutura interna, era de se esperar que o falante nativo aplicasse o padrão flexional regular nos verbos hipotéticos.

Basilio (1980) exemplifica a hipótese dizendo que o falante de português, mesmo conhecendo a regra de redundância que forma substantivos terminados em *gem* a partir de uma base verbal (espionar – espionagem), não formaria **estudagem* por causa da existência da entrada lexical *estudo*, que teria a mesma função de **estudagem*.

Então, como explicar a criação de particípio irregular para um verbo que já possui o particípio regular? Seria possível afirmar que *chegado* não bloqueia a formação de **chego* porque a regra que analisa a estrutura do novo particípio não é transparente e não lê **chego* como redundante? Uma resposta possível é a de que muito dificilmente um mesmo falante faria uso das duas formas, o que sinalizaria para sistemas (ou léxicos) concomitantes numa mesma língua, mas preservaria a hipótese de bloqueio.

As teorias sobre produtividade dão conta de alguns aspectos, mas ainda restam questões a responder. Pensando na criação de novos particípios irregulares, uma das questões que os estudos sobre produtividade não contemplam é: por que o processo de formação de particípio irregular atua nos verbos *chegar*, *ficar* e *trazer*, por exemplo, e parece não atuar (pelo menos não ainda) em outros verbos com estrutura semelhante, como os verbos *estar*, *levar*, *negar* ou *picar*?

Pode-se tentar explicar a ocorrência de dois tipos de afixação diferentes a uma só base pela semântica, como no caso de *trabalhadora/trabalhadeira*, em que cada um dos afixos denota um significado. No caso do verbo *chegar*, para o qual alguns falantes optam por formar um particípio irregular, não há fatores semânticos envolvidos, pois ambas as formas, regular e irregular, desempenham a mesma função, e o falante pode usar qualquer uma delas sem prejuízo ao significado. Esta condição de ‘opcionalidade’ nos leva a inferir que grande parte dos verbos do português está sujeita à formação de particípio irregular. A criação desses particípios, então, vai depender da opção do falante e de fatores linguísticos e extralinguísticos que motivem essa criação.

Considerações Finais

Considerando os dados analisados, podemos afirmar, de modo geral, que as formas mais produtivas/recorrentes dos particípios são as regulares, porém, com

crescimento da produtividade das formas irregulares, em situações possivelmente orientadas pelo prestígio associado a essas formas.

Hipóteses referentes à produtividade, hipercorreção ou prestígio/desprestígio das formas de particípio não foram lançadas formalmente. No entanto, intuímos que o processo de criação de particípios irregulares não é um fenômeno muito pouco produtivo nos dias de hoje, principalmente se considerarmos sua aplicação entre as pessoas com um nível de escolaridade mais elevado. O aumento da produtividade do particípio irregular na fala desses indivíduos pode estar ligado a uma tentativa de hipercorreção, relacionada com a questão do prestígio linguístico das formas irregulares, geralmente presentes no léxico de falantes cultos.

A aplicação do particípio irregular a verbos que, em princípio, de acordo com a norma, não o suportariam, como *chegar/*chego*, por exemplo, possivelmente é resultado de analogia para satisfazer uma questão relacionada a prestígio de formas consideradas, talvez, 'mais eruditas'.

Referências

ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976.

BASILIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

CORREIA, Margarida. *O léxico na economia da língua*. In: *Ciência da Informação*. V. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=918&article=567&mode=pdf> Acesso em 12 fev. 2007.

LOBATO, Lucia. *Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. 1, Feb. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 dez. 2006.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *The Portuguese Language: History and structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

MORENO, Cláudio. [s.d.]. *Pego ou pegado?* Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/05/11/pego-ou-pegado/>> Acesso em 25 mar. 2013.

RODRIGUES, Vera Cristina. *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SOUZA, Mariza Mencialha de. *Formas verbo-nominais latinas Ressonância em português*. In: VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, Cadernos do CNLF, série VII, n. 11, Morfossintaxe, (2003). Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/livraria/sumarios/cnlf_07_11\(sumario\).htm](http://www.filologia.org.br/livraria/sumarios/cnlf_07_11(sumario).htm)> Acesso em 28 out. 2007.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.